



DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PERO LOPES DE SOUSA (1530-1532)

PERO LOPES DE SOUSA'S NAVIGATION JOURNAL (1530-1532)

PAULO ROBERTO PEREIRA¹

Resumo

A missão ao Brasil chefiada por Martim Afonso de Sousa, 1530-1532. Pero Lopes de Sousa e o seu Diário da navegação. A frota guarda-costas, colonizadora e exploradora. Varnhagen e a descoberta do Diário. A importância para a história colonial brasileira do Diário da navegação. A fundação da primeira vila no Brasil, São Vicente, em 1532. Diário da navegação: primeiro documento a descrever o estuário do Rio da Prata.

Palavras-chave: Martim Afonso de Sousa; Pero Lopes de Sousa; Diário da navegação; O estuário do Rio da Prata.

Abstract

The mission to Brazil led by Martim Afonso de Sousa, 1530-1532. Pero Lopes de Sousa and his Navigation Journal. The fleet as a coastal defense, colonizing, and exploring force. Varnhagen and the discovery of the Journal. The importance of the Navigation Journal for Brazilian colonial history. The founding of the first town in Brazil, São Vicente, in 1532. Navigation Journal: the first document to describe the Río de la Plata estuary.

Keywords: Martim Afonso de Sousa; Pero Lopes de Sousa; Navigation Journal; Río de la Plata estuary.

¹ Paulo Roberto Pereira é ensaísta, autor de livros e artigos sobre o Brasil Colonial. Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor na Universidade Federal Fluminense. Sócio Honorário Brasileiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Pertenceu à Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil (1996/1999). Curador, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, da exposição “500 Anos de Brasil na Biblioteca Nacional” (2000). Curador da “Carta de Caminha” na “Mostra do Redescobrimento” da Fundação Bienal de São Paulo (2000). Representou o Brasil no “Congreso Internacional V Centenario de la Primera Vuelta al Mundo”, Valladolid, março de 2018. Diretor Científico do “Seminário Internacional 5º Centenário da Primeira Volta ao Mundo: A Estadia da Frota no Rio de Janeiro”, em 2019. Publicou ensaios em variadas revistas, como Revista Brasileira de História, São Paulo; Sodalivm mvnera, Madrid; Revista Anchiétea, La Laguna, Canárias; Colóquio/Letras, Lisboa; Revista Brasileira, da Academia Brasileira de Letras, Rio; Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio. Publicou, entre outros livros, Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil, 2001; As comédias de Antônio José, O Judeu, 2007; 450 anos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, 2015; Obra completa de Manuel da Nóbrega, edição do 5º centenário, 2017; Anais do Seminário Internacional 5º Centenário da Primeira Volta ao Mundo: A Estadia da Frota no Rio de Janeiro, 2021. E-mail: paulorobertopereira08@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3827-8230>.



Entre a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500, e os *Diálogos das grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão, concluído em 1618, cronistas, jesuítas, viajantes e aventureiros de diferentes nacionalidades ofereceram vasto panorama do Brasil quinhentista, retratando o contato dos europeus com os povos autóctones. O escambo com o pau-brasil, a criação dos primeiros povoamentos, a colonização da terra e o início do ciclo açucareiro demonstravam um interesse crescente da Coroa portuguesa pela Colônia sul-americana. A experiência de viver na Terra de Santa Cruz teve no próprio século XVI intensa divulgação através das obras de Américo Vespúcio, André Thevet, Hans Staden e Jean de Léry; e da correspondência jesuítica de Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e Fernão Cardim. No entanto, no século XVI na Terra do Pau-Brasil, as principais obras redigidas em português por Pero Vaz de Caminha, Pero Lopes de Sousa, Gabriel Soares de Sousa, José de Anchieta e Ambrósio Fernandes Brandão, não chegaram aos prelos tipográficos na própria época. Somente a *História da Província Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gândavo, é que teve o privilégio de ser impressa, em 1576. Certamente, algumas dessas obras escritas em português circularam manuscritas, como a *Notícia do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa. Contudo, a imagem do Brasil como “terra de canibais” acabou sendo divulgada na Europa quinhentista por desbravadores de diferentes nacionalidades que tinham interesse pela nova terra descoberta por Pedro Álvares Cabral, devido suas prováveis riquezas e também pela mitologia paradisíaca a que ela estava associada.

É que o vasto território tropical da América Portuguesa passou suas primeiras décadas nas mãos de aventureiros e colonizadores, que o foram progressivamente conhecendo. Destacam-se nesse período o empreendimento de Fernando de Noronha; a expedição guarda-costas de Cristóvão Jacques, de 1516-1519; a estadia passageira da frota de Fernão de Magalhães, em 1519, na primeira viagem de volta ao mundo; e a missão chefiada por Martim Afonso de Sousa, entre 1530-1532 - além de piratas, corsários e colonizadores, especialmente franceses. Após a expedição de Martim Afonso de Sousa o governo português criou, em 1534, as capitanias hereditárias. E, pouco mais tarde (1548-1549), a Coroa Lusitana oficializou a colonização da América Portuguesa com a vinda do primeiro Governador-Geral, Tomé de Sousa, em 1549, para criar na Bahia a primeira capital do Brasil com a fundação da cidade do Salvador.



Pero Lopes de Sousa e o seu *Diário da navegação* (1530-1532)

A primeira tentativa do governo de D. João III (1502-1557) em sondar as possibilidades econômicas da costa brasileira, ter contato com os naturais da terra e, conseqüentemente, dividir o Brasil em capitanias hereditárias, se dá pela missão chefiada por Martim Afonso de Sousa. Dessa viagem há um documento fundamental, o *Diário da navegação*, de 1530-1532, escrito por seu irmão, Pero Lopes de Sousa.

Autor fundamental para o conhecimento do Brasil nas primeiras décadas do século XVI, Pero Lopes de Sousa nasceu em Portugal em torno de 1501/1502, provavelmente em Lisboa, de importante família fidalga. Filho de D. Brites de Albuquerque e de Lopo de Sousa, descendia, por linhagem bastarda, do rei D. Afonso III. Era irmão mais novo de Martim Afonso de Sousa e primo de D. Antônio de Ataíde, conde de Castanheira, administrador dos negócios ultramarinos de D. João III. Acredita-se que estudou na Universidade de Coimbra, embora desde muito jovem estivesse envolvido com a vida marítima, a ponto de, segundo Varnhagen, D. João de Castro dizer: “Pero Lopes de Sousa, a quem todos os portugueses devemos confessar vantagem e dar obediência no mister e ofício do mar.”² Foi um dos participantes da frota guarda-costas, colonizadora e exploradora, enviada ao Brasil, em 1530, sob a direção de Martim Afonso de Sousa, comandando a nau capitânia. Regressou a Portugal dois anos depois, à frente de dois navios. No Reino assumiu novas funções e nunca mais retornou à América.

Na divisão do Brasil em capitanias foi contemplado com a capitania de Itamaracá e as terras de Santo Amaro e Santana, em São Vicente, mas entregou seus bens no Brasil a administradores pouco competentes. Esteve envolvido em duas viagens ao mar Mediterrâneo: a primeira a Safim, em março de 1534; e a segunda a Túnis, em 1535, em ajuda a Carlos V. Casou-se logo depois com D. Isabel de Gamboa, de rica família na corte portuguesa. No ano seguinte, Pero Lopes de Sousa participou de expedições guarda-costas e comandou frota marítima que percorreu as ilhas atlânticas de Portugal e parte setentrional da África. Numa nova missão, três anos depois, no comando de uma armada de seis naus, partiu para a Índia em 24 de março de 1539, chegando a Goa em setembro desse ano. Na volta do Oriente, em fevereiro de 1540, no comando da nau *Esperança Galega*, naufragou e morreu na África Oriental, próximo da antiga ilha de São Lourenço, atual Madagascar.

² FREITAS, Jordão de. A expedição de Martim Afonso de Sousa. In: DIAS, Carlos Malheiro (Dir.). *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, volume III, 1924, p. 116.



O *Diário da navegação* (1530-1532) foi descoberto e publicado pela primeira vez no século XIX por Francisco Adolfo de Varnhagen. Organizou ele a primeira, a terceira e a quarta edição da obra de Pero Lopes de Sousa. Todas as edições que surgiram, após a quarta de Varnhagen, têm como modelo a sua edição. Foi um trabalho inestimável porque revelou um documento que acabava com muitas conjecturas sobre esse período nebuloso do início da história brasileira. A primeira edição do *Diário da navegação*, feita em Lisboa em 1839, recebeu o título de *Diário da navegação da armada que foi à Terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Afonso de Sousa, escrito por seu irmão Pero Lopes de Sousa*.³ Para esta primeira edição utilizou o historiador brasileiro três manuscritos apógrafos: o manuscrito que possuía; o apógrafo pertencente ao bispo-conde D. Francisco de São Luís; e o terceiro manuscrito, o mais antigo, com letra da segunda metade do século XVI, pertencente à Biblioteca da Ajuda. No entanto, “este último códice (...) embora do século XVI, não é o original, mas sim uma cópia incompleta e pouco cuidada, com erros evidentes, nomeadamente na equivalência entre os dias do mês e os dias da semana.”⁴

A segunda edição, mandada publicar em 1847 pela Assembleia Provincial de São Paulo, é cópia da primeira, mas não foi autorizada por Varnhagen. A terceira edição foi publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1861, em que Varnhagen, no prólogo, informa os acréscimos e melhorias ao texto, baseando-se, sobretudo, no códice principal, o da Biblioteca da Ajuda. Lembrava Varnhagen que “até esse aparecimento (do *Diário da navegação*), nenhum outro documento tinha lançado mais luz sobre várias questões intrincadas da primeira época da nossa história”.⁵

A quarta edição, impressa no Rio de Janeiro em 1867, foi a última de responsabilidade do grande historiador brasileiro e recebeu o título de *Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa pela costa do Brasil até o Rio Uruguay (de 1530 a 1532)*. Em 1927, veio a lume a quinta edição com o título definitivo de *Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa*. Possui um excelente estudo crítico do comandante Eugênio de Castro e vem prefaciada por Capistrano de Abreu. A sexta edição, publicada em 1940, também foi preparada por Eugênio de Castro, em

³ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação da armada que foi á Terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Affonso de Souza*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

⁴ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Edição de A. Teixeira da Mota e Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1968, p. 17.

⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Prólogo à terceira edição do *Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532)*. *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*. Tomo XXIV, 1º trimestre, 1861, p. 8.



dois volumes, melhorada em relação à anterior, e considerada a definitiva pelos especialistas - trazendo novamente o prefácio de Capistrano de Abreu para a quinta edição, tendo como texto base as duas últimas edições preparadas por Varnhagen.⁶ A sétima editou-se em São Paulo, em 1964, em uma tiragem mais popular, com introdução de J. P. Leite Cordeiro e breves notas de Eugênio de Castro. Finalmente, em 1968, a obra de Pero Lopes de Sousa voltou a ser editada em Lisboa, com a publicação da oitava edição, acompanhada de valioso prefácio do comandante A. Teixeira da Mota e leitura do códice da Ajuda por Jorge Morais-Barbosa.⁷

É devido ao seu *Diário da navegação* que Pero Lopes de Sousa adquire importância para a história colonial brasileira. O *Diário* traz informações antes desconhecidas sobre o início do povoamento da costa da Terra do Pau-brasil. A pequena armada que vinha à Terra de Santa Cruz tinha várias missões a cumprir: de guarda-costas visando à expulsão de franceses que comerciavam o pau-brasil à colonização com a criação de vilas e feitorias; da exploração do litoral do estuário do Amazonas ao Rio da Prata, colocando padrões que demarcassem a posse portuguesa.

O *Diário da navegação* informa o caminho percorrido pela frota comandada por Martim Afonso de Sousa, a partir da saída do porto de Lisboa, em 3 de dezembro de 1530. A armada chegou a Pernambuco em fevereiro de 1531. Como relata o *Diário*, iniciou-se a viagem em direção ao Sul do Brasil em 3 de março de 1531, partindo de Pernambuco, passando pela Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, até o Rio da Prata na região da atual República do Uruguai. Cumprida a missão no Prata, a frota de Martim Afonso de Sousa retornou a Pernambuco, e de lá para Portugal. Nessa volta, Martim Afonso fundou a primeira vila no Brasil, São Vicente, em 1532, permanecendo em São Paulo, enquanto seu irmão Pero Lopes de Sousa prosseguia a viagem de volta por São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Finalmente, o navegador encaminha suas duas embarcações para o mar aberto em direção a Portugal quando, em 23 de novembro de 1532, a escrita do *Diário* é interrompida.

A frota vinda de Portugal atingiu o Brasil entre 20 e 30 de janeiro de 1531 na altura do cabo de Santo Agostinho no Nordeste, passando pela ilha de Fernando de Noronha, avistando a terra em 31 de janeiro quando enfrentou e venceu duas naus francesas que estavam traficando

⁶SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Estudo crítico pelo comandante Eugênio de Castro e prefácio de Capistrano de Abreu. 2 ed. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, 1940, 2 volumes.

⁷ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Edição de A. Teixeira da Mota e Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1968.



pau-brasil. Composta de cinco embarcações com cerca de 400 homens, chefiada pelo capitão-mor Martim Afonso de Sousa, foi dividida em duas: a primeira, sob o comando de Diogo Leite com as caravelas “Rosa” e “Princesa”, partiu em fevereiro de 1531 em direção ao Norte com a missão de “descobrir o rio de Maranhão”, ou rio Marañon, ou ainda o “Mar Dulce”, antigos nomes do rio Amazonas, visando marcar a presença portuguesa da costa pernambucana até o delta amazônico; a segunda expedição, composta de três embarcações, fazia o reconhecimento da costa pernambucana até o estuário do Rio da Prata, colocando marcos de posse nessa região de litígio geográfico. Comandada pelo próprio Martim Afonso de Sousa, tendo Pero Lopes como responsável pela nau capitânia, partiu a armada de Pernambuco no primeiro dia de março de 1531 em direção ao Rio da Prata.

Em treze dias de viagem, a frota comandada por Martim Afonso de Sousa entrou na baía de Todos os Santos, em 13 de março de 1531. No local, os tripulantes da frota receberam auxílio de Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Foi este náufrago ou degredado uma das principais personagens do Brasil no século XVI. Caramuru prestou auxílio à frota de Martim Afonso de Sousa, como prestaria mais tarde ajuda indispensável a Tomé de Sousa na fundação da cidade do Salvador.⁸

A frota de Martim Afonso de Sousa partiu da Bahia em 27 de março de 1531. Navegando pela costa entraram na baía de Guanabara no dia 30 de abril de 1531, permanecendo no Rio de Janeiro até primeiro de agosto de 1531. A estadia da frota no Rio de Janeiro durante três meses permitiu que se organizasse o grande objetivo da expedição marítima: a viagem até o Rio da Prata, antigo rio Santa Maria dos portugueses ou rio Solís dos espanhóis.

O *Diário* não traz nenhuma informação após 30 de abril de 1531 até primeiro de agosto de 1531. Partindo do Rio de Janeiro em primeiro de agosto de 1531, a frota seguiu rumo ao Sul do continente atingindo a ilha da Cananeia em 12 de agosto de 1531. Na ilha da Cananeia estiveram com o língua (intérprete) Francisco de Chaves e com a célebre e enigmática figura do Bacharel de Cananeia, que viviam há décadas no litoral paulista.

A expedição do capitão-mor Martim Afonso de Sousa partiu de Cananeia em 26 de setembro de 1531. Foi uma viagem difícil com tempestades, ventos fortes e toda sorte de dificuldades. A armada atingiu o cabo de Santa Maria, no estuário do Rio da Prata, em 15 de outubro de 1531. Como o tempo não dava trégua a nau capitânia acabou naufragando no dia 2

⁸ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Edição de A. Teixeira da Mota e Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1968, p. 47.



de novembro. Numa escrita tensa, nervosa, Pero Lopes descreve a luta épica para que sua embarcação não fosse destruída nas rochas pela fúria do mar:

Ja já tão perto da ponta que a uns parecia que a podíamos cobrar e outros bradavam que arribássemos. Era tão grande a revolta na nau que nos não entendíamos. Mandeí meter toda a gente debaixo da coberta e mandei ao piloto tomar o leme, e eu me fui à proa e determinei de fazer experiência da fortuna e me pôr a ver se podia dobrar a ponta, por que, se a não dobrava, não havia onde varar, senão em rocha viva, onde não havia salvação. Assim fomos, e prouve a Nossa Senhora e ao seu bento Filho que a dobrámos e fui tão perto dela que o mar, que arreventava na costa, nos tornava com a ressaca a dar na nau e nos lançou fora.⁹

O Rio da Prata, embora conhecido desde as primeiras décadas do século XVI por diferentes navegadores, era tido como a porta de entrada para se atingir o oceano Pacífico descoberto por Vasco Núñez de Balboa, em 25 de setembro de 1513. Juan Díaz de Solís foi o principal navegador a chegar ao estuário do Rio da Prata, mas pouco depois de começar a subir o rio Uruguai foi trucidado pelos indígenas, em 1515.

Em 23 de novembro de 1531, Martim Afonso de Sousa enviou Pero Lopes em um bergantim (embarcação de remos com dois mastros) com 30 homens rio acima para colocar padrões que identificassem a região como domínio pertencente a Portugal, pois nenhum país europeu ainda havia tomado posse do Rio da Prata. Pero Lopes percorreu o estuário desse rio-mar com alguns acidentes que não impediram a sua viagem pioneira, colocando, em 12 de dezembro de 1531, padrões com as armas de Portugal. A tripulação da embarcação de Pero Lopes conheceu diferentes tribos indígenas; admirou-se da paisagem verdejante e fascinante; colheu frutas de diferentes espécies; encontrou muitos animais que lhe deram fartura de carne; além de peixes em grande quantidade.

Após 34 dias de viagem rio acima na bacia do Prata, Pero Lopes retornou ao encontro do seu irmão, passando pelo cabo de Santa Maria (atual cabo de Punta del Este), chegando, no dia 27 de dezembro de 1531, na foz do estuário. Assim, depois das tentativas frustradas de Juan Díaz de Solís em 1515; de Cristóvão Jacques em 1517; de Fernão de Magalhães, em 1520 e de Sebastián Caboto em 1527, Pero Lopes conseguira finalmente percorrer uma longa distância Rio da Prata adentro, permitindo maior conhecimento dessa região e, de certo modo, acabando com a lenda da serra de ouro e prata que existiria na “costa do pau-brasil”.

⁹ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Edição de A. Teixeira da Mota e Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1968, p. 70.



Entretanto, a viagem de reconhecimento do Rio da Prata pelos portugueses não sucedeu como se esperava:

Esta fase da expedição não foi um sucesso. O naufrágio da nau capitânia, pouco depois de entrar no rio, e as tempestades e rajadas que tiveram de enfrentar, os obrigou a desistir do plano de se estabelecerem nas costas do Rio da Prata. Tudo se resumiu a uma exploração do litoral norte até as ilhas *Dos Hermanas* e uma navegação pelo delta do Paraná, realizada em um bergantim por Pero Lopes de Sousa.¹⁰

Devido à viagem de Pero Lopes, o *Diário da navegação* tornou-se o primeiro documento a descrever o estuário do Rio da Prata, transformando-se em peça chave para se entender a luta que durou séculos entre Portugal e Espanha pelo controle dessa região sul-americana que engloba hoje o Brasil, o Uruguai, a Argentina e o Paraguai.

A viagem de Pero Lopes de volta a Portugal iniciou-se no estuário do Rio da Prata, em primeiro de janeiro de 1532, comandando a frota composta da nau Nossa Senhora das Candeias e do galeão São Vicente. O percurso marítimo passou pela Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul e a Ilha de Santa Catarina. No dia 22 de janeiro de 1532, a frota chegou ao porto de São Vicente na costa de São Paulo. Então Martim Afonso de Sousa iniciou a colonização das terras paulistas fundando as vilas de São Vicente (hoje Santos) e outra no interior às margens do rio Piratininga. Martim Afonso permaneceu nessas regiões organizando administrativamente esses núcleos iniciais de colonização, só voltando a Portugal na primeira quinzena de agosto de 1533.

Em 22 de maio de 1532, Pero Lopes saiu do porto do rio de São Vicente seguindo viagem para o Rio de Janeiro, chegando a 24 de maio, onde permaneceu cerca de três meses. Em 2 de julho partiu para a Bahia numa viagem que durou 14 dias, chegando em 18 de julho e partindo no dia 30 de julho. Finalmente, chegou a Pernambuco em 4 de agosto de 1532, conforme está assinalado no *Diário*. Então, na costa da futura capitania de Duarte Coelho, Pero Lopes revelou suas qualidades militares, pois já era conhecido o seu domínio das coisas do mar, que o alçara a capitão da viagem sob o comando de Martim Afonso de Sousa. Pero Lopes enfrentou e venceu o corso francês que coletava o pau-brasil na costa pernambucana entre 4 de

¹⁰ “Esta fase de la expedición no constituyó un éxito. El naufragio de la nave capitana a poco de entrar en el río y las tempestades y turbonadas que debieron afrontar les obligaron a desistir de plan de poblar en las costas del Plata. Todo se redujo a una exploración de la costa norte hasta las islas Dos Hermanas y a una navegación por el delta del Paraná, efectuada en un bergantín por Pero Lopes de Sousa.” In: LAGUARDA TRÍAS, Rolando A. Viaje del portugues Pero Lopes de Sousa al Rio de la Plata en 1531 [fragmento de su Diario de Navegación, 1530-1532]. Versión castellana y estudio crítico. Revista de la Sociedad *Amigos de la Arqueología*, tomo XV, 1958, pp. 103-170, p. 112.



agosto e 4 de novembro de 1532, quando partiu de vez para Portugal, interrompendo a escrita do *Diário da navegação* em 24 de novembro de 1532, chegando as embarcações sob seu comando ao porto de Faro entre o fim de 1532 ou princípio de 1533.

O *Diário da navegação* documenta não apenas circunstâncias históricas da viagem marítima num português coloquial e seco, como em seu início, ao descrever a travessia do Atlântico. Como Pero Lopes era um navegador afeito à ação, o seu texto oferece passagens que emocionam o leitor, entre deslumbrado e surpreso, da realidade geográfica e humana da terra visitada, como a chegada às baías do Salvador e do Rio de Janeiro; o relato da subida pelos rios Paraná e Uruguai, participando dos primeiros contatos de portugueses com indígenas da bacia do Rio da Prata; a fundação da Vila de São Vicente, primeiro núcleo colonial português no Brasil; ou ainda o ataque aos núcleos franceses que comerciavam o pau-brasil em Pernambuco.

Um bom exemplo da narrativa de Pero Lopes é a preocupação em descrever a beleza física dos indígenas, quando da sua chegada à Bahia: “A gente desta terra é toda alva, os homens muito bem dispostos e as mulheres muito formosas, que não fazem nenhuma inveja às da Rua Nova de Lisboa.”¹¹ Do mesmo modo é a sua admiração quando a sua estadia no Rio de Janeiro: “A gente deste Rio é como a da Bahia de Todos os Santos, senão quanto é mais gentil gente. Toda a terra deste Rio é de montanhas e serras muito altas. As melhores águas há neste que podem ser.”¹² E quando percorre o Rio da Prata para colocar padrões assinalando a presença portuguesa, Pero Lopes transfigura o seu olhar ante a paisagem fascinante com o seu bucolismo que remete à memória milenar do Éden: “A terra é mais formosa e aprazível que eu jamais cuidei de ver: não havia homem que se fartasse de olhar os campos e a formosura deles”.¹³

Na viagem de regresso a Portugal, ao parar na Bahia para se abastecer de água e alimentos, narra Pero Lopes a situação que viveu parecida com a descrita por Pero Vaz de Caminha que informava ao rei D. Manuel que, na véspera da partida da frota de Cabral rumo à Índia, dois grumetes fugiram à noite do navio para ficarem na terra que os encantara. A cena se repetiu com Pero Lopes. Narra ele no *Diário* que teve de atrasar sua volta a Portugal em oito

¹¹ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Estudo crítico pelo comandante Eugênio de Castro e prefácio de Capistrano de Abreu. 2 ed. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, 1940, 2 volumes, primeiro volume p. 157; SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Edição de A. Teixeira da Mota e Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1968, p. 47-48.

¹²SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Op. cit., 1940, primeiro volume p. 191; SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação*. Op. cit., 1968, p. 59.

¹³ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Op. cit., 1940, primeiro volume p. 283; SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Op. cit., 1968, p. 77.



dias, porque três marinheiros do seu navio, com ajuda dos índios, fugiram para a terra paradisíaca que acabava de conquistá-los.¹⁴

Pode-se se dizer que O *Diário da navegação*, mesmo lhe faltando qualidades estéticas relevantes encontradas em diversas narrativas quinhentistas, representa por seus informes históricos um documento fundamental na compreensão do que foi a luta pela posse do território brasileiro nas primeiras décadas do século XVI.

Em verdade, o manuscrito de que se trata não é, no seu conjunto, um verdadeiro diário náutico. (...) O manuscrito dado à publicidade por Varnhagen é antes uma truncada relação do itinerário e viagem de Pero Lopes de Sousa, capitão de um dos navios da armada de seu irmão Martim Afonso de Sousa – relação, narrativa ou crônica baseada muito embora num diário de bordo, que não chegou até nós.¹⁵

A viagem de Pernambuco até o Sul do Brasil, contada em detalhes pelo *Diário de navegação* de Pero Lopes de Sousa, é a primeira a descrever o estado da colônia americana de Portugal, desde quando três integrantes da frota de Cabral tinham, em seus relatos presenciais, divulgado pela primeira vez a costa sul-americana do Novo Mundo.¹⁶ Nesses trinta anos, desde a descoberta da Terra de Santa Cruz, a costa do Brasil encontrava-se bastante movimentada com o comércio do pau-brasil, empreendido, sobretudo por franceses, com alguns núcleos de povoamento.

O contato com degredados, entre os quais se encontravam figuras que se tornaram lendárias, como Diogo Álvares Correia o Caramuru, na Bahia; o Bacharel de Cananeia; João Ramalho, em São Vicente, que, ao se indianizarem, tornaram-se importantes personagens no auxílio à organização das primeiras capitanias, confirma que a viagem da frota de Martim Afonso de Sousa contribuiu de maneira fundamental para o início da colonização do Brasil.

Bibliografia

FREITAS, Jordão de. A expedição de Martim Afonso de Sousa. In: DIAS, Carlos Malheiro (Dir.). *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, volume III, 1924, pp. 95-164.

¹⁴ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Op. cit., 1940, primeiro volume p. 369; SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Op. cit., 1968, p. 107.

¹⁵FREITAS, Jordão de. A expedição de Martim Afonso de Sousa. In: DIAS, Carlos Malheiro (Dir.). *História da colonização portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, volume III, 1924, p. 132.

¹⁶PEREIRA, Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.



LAGUARDA TRÍAS, Rolando A. Viaje del portugues Pero Lopes de Sousa al Rio de la Plata en 1531 [fragmento de su Diario de Navegación, 1530-1532]. Versión castellana y estudio crítico. Revista de la Sociedad *Amigos de la Arqueologia*, tomo XV, 1958, pp. 103-170.

PEREIRA, Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

SOUSA, Pero Lopes de. *Diario da navegação da armada que foi á Terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mor de Martim Affonso de Souza*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Estudo crítico pelo comandante Eugênio de Castro e prefácio de Capistrano de Abreu. 2 ed. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, 1940, 2 volumes.

SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Edição de A. Teixeira da Mota e Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1968.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Prólogo à terceira edição do Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532). Rio de Janeiro: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 24, 1º trimestre, 1861.